

ACERCA DE “BÓE OÍNOPE” EM ILÍADA XIII, 703

TEREZA VIRGÍNIA RIBEIRO BARBOSA
Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo: O objetivo deste artigo é especular a respeito do significado do termo “oínope” in II,XIII,703. Propõe um novo significado a partir de um estudo da relação entre *oínos*, *póntos* e *boús* no texto homérico.

Palavras-chave: Homero; nomes de cor.

*“Chega mais perto e contempla as palavras,
cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra”.*
(C. D. Andrade)

1. Introdução

A proposta do trabalho do qual retirei este trecho era estudar a cor *oinop-* do mar, na *Ilíada* de Homero. Esse termo de cor ocorre sete vezes na *Ilíada* (I,350; II,613; V,771; VIII,88; XII,703; XIII,143 e 316). O trabalho foi estruturado a partir de um levantamento de todas as ocorrências do termo *oínos* (vinho), *háls* (mar), *thálassa* (mar), *pélagos* (mar), *póntos* (mar), e *boús* (boi). Com o levantamento de dados, estabeleceu-se um amplo campo semântico, onde o termo *boús* (boi) mostrou-se ligado ao nome *póntos* (mar) e *oínos* (vinho), através do epíteto *oinop* –. Foi um dado impertinente para o meu sistema já quase organizado. Com esse fato, uma nova indagação impôs-se: se existe uma ligação, estabelecida no texto, entre as palavras *oínos* (vinho), *boús* (boi) e *póntos* (mar), qual seria o traço comum de tais nomes? Desviei então do meu caminho e fui em busca dos bois.

O dado fornecido em XIII,703 tem três peculiaridades:

1. É a única forma de nominativo/dual do termo *oinop-*, encontrada na *Ilíada*.
2. A forma *oínope* tem a mesma estrutura métrica de *oínopa/oínopi*.
3. Trata-se da única passagem em que encontramos este epíteto associado ao termo *boús* (boi) na *Ilíada*. Em simetria, o epíteto é registrado, também, uma única vez, na *Odisséia*, (XIII,32). Assim, temos uma ocorrência singular quanto ao uso no nominativo do epíteto *oinop-* associado ao vocábulo *boús* e, por fim, singular também, quanto ao número de ocorrências.

Acreditamos, a partir de então, ser inviável uma única interpretação para o termo *oinop-* que se aplique a *póntos* e *boús*. Entretanto, é inegável que, em ambas as situações, o termo terá uma única origem: *oínos* + *óps*.

Queremos destacar dois aspectos que observamos nos contextos com *póntos* e *boús*, necessários para nossa caminhada:

O aspecto sintático – morfológico e métrico.

O epíteto em estudo, por razões métricas, ocorre, quando associado a *póntos*, sempre antes do substantivo, posição exatamente igual à dos demais epítetos para *póntos*, os adjetivos *atrygetos* (estéril, imenso), *mélas* (negro), *eurýs* (largo), *ioeidés* (violáceo), *aeroeidés* (nebuloso), *ikhthyóeis* (piscoso). Mas, com relação a *boús*, também por razões métricas, ele ocorrerá sempre depois do substantivo. A métrica seria suficiente para justificar as posições distintas: (1) *oínopa* seguido de nome, (2) *oínopi* seguido de nome; e (3) nome seguido de *oínope*. No entanto, pela maior ocorrência de uma com relação a outra, podemos afirmar que a posição mais comum seria a do adjetivo *oínop-* seguido de um substantivo. Metricamente, *oínopa* e *oínopi* ocorrerão sempre no quinto pé, antes de *póntos*. Já *oínope*, aplicado a bois, ocorrerá no quarto pé, depois de bois. Este dado provocará no ouvinte, habituado a escutar a fórmula com outra disposição métrica, a confrontação com um elemento surpresa, com o inesperado e fará do momento de sua ocorrência, um momento especial. Esta posição *sui generis* é marcada ainda pela escassez de sua ocorrência no poema, ou seja, uma única vez.

2. Escansão dos versos onde ocorre o adjetivo *oínopa/ie*:

I,350 *thîn´ éph´ halòs polyés, horóon epì oínopa pónton*

pela praia do mar cinzento, olhando por sobre o mar ardente

II,613 *nêas eússélmous, peráan epì oínopa pónton*

naus de belo convés para navegar sobre o mar ardente

V,771 *hémengos en skopiêi, leússon epì oínopa pónton*

sentado a uma vigia, olha por sobre o mar ardente

VII,88 *neî´ polykléidi pléon epì oínopa pónton*

com a nau de mil cavilhas navegam pelo mar ardente

XIII,703 *all hóst en neiôî bóe oínope pékton árotron*

assim como, na leiva, dois bois ardorosos puxam o arado ajustado

XXIII,143 *okthésas d'ára eípen, idòn epì oínopa pónton*

irritado exclamou, olhando para o mar ardente

XIII,316 *méti d'aúte kubernétés eni oínopi póntoi*

pela astúcia, de volta, o timoneiro (conduz o navio) pelo mar ardente

É impossível, dentro do modelo do hexâmetro a troca de posição entre *bóe* e *oínope* (o hexâmetro é composto de seis pés métricos, e cada um pode variar seu tempo em duas longas – – ou uma longa e duas breves -uu). Vejamos o modelo:

all hóst ´ en neuôi oínope bóe pékton átron
 ↳ irregularidade no verso

Mas, esta mesma troca, na fórmula *oínopa pónton*, que ocorre sempre no final do verso, seria aceitável, embora pudesse ferir os ouvidos de um grego. Tanto *oínopa* quanto *πόνton* garantem para o metro a obrigatoriedade da primeira sílaba longa. Este fator (*oínop-* ocorrer sempre na segunda posição da fórmula, havendo em XIII,703 uma inversão de posição) dará como já afirmamos, para a ocorrência XIII,703 um elemento surpresa, manifesto, a princípio, na sintaxe e na métrica, que vai com perfeição, harmonizar-se com a contexto semântico.

Todos os ambientes em que há ocorrência do composto estão relacionados com praia e mar, exceto XIII,703. Os verbos usados são:

- A. **horáo** - ver, olhar na direção de;
- B. **peráo** - atravessar, ir, avançar;
- C. **leússon** - ver, olhar, contemplar;
- D. **eipiéléo** - navegar sobre, avançar;
- E. **pléo** - navegar, vogar;
- F. **ágo** (duas vezes) - conduzir por sobre, transportar por sobre;
- G. **oríno** - elevar, sublevar;
- H. **pémpon** - enviar;
- I. **eído/ideín** - ver, observar, examinar (conjectural);
- J. **ithýno** - dirigir, comandar, governar;
- e, finalmente,
- K. **enthróisko** - lançar-se contra/dentro/em.

Registrado no composto *bóe oínope*, o epíteto *oínope*, aplicado aos bois (XIII,703), é considerado apenas um qualificador de bois com relação à sua cor¹. Isto, porém, não é satisfatório. As diferenças sintáticas, morfológicas e métricas distinguem o significado de *oínope* neste verso. Trata-se de um adjetivo que acompanha o sujeito, faz parte do sintagma do agente e, por isso, tem um caráter menos descritivo que nas demais ocorrências em que qualifica um objeto externo, possível de ser visto ou de ser navegado - nas outras ocorrências, exceto em XIII,703, temos um complemento verbal e não um sujeito.

1. É bom observar que já no micênico encontramos o uso do epíteto associado a bois e que, ainda hoje, atribuímos aos bois nomes relacionados com suas cores, como "malhado", "amarelo", "pintado", "barroso", etc.

3. O que significa *oinope* em XIII,703?

No nosso ponto de vista, adicionada à idéia de cor para os bois, virão também as seguintes idéias:

1. A fórmula ocorre em circunstâncias métricas incomuns para o epíteto *oinop-*. A mudança de posição, que envolve sintaxe e métrica, estabelece no trecho um elemento de surpresa que também se harmoniza com surpreendente atuação dos Ajantes no combate.

2. Existe na cor *oinopós* uma sugestão de maturidade e vigor que se adequa ao trecho. Esta sugestão encontra-se no opúsculo *Peri Chromáton*, atribuído a Aristóteles. O autor, ao falar dos frutos, afirma que estes, inicialmente, seriam *phoinikoûs*, posteriormente *oinopós* e, finalmente, *mélas*. Cores escuras, no tratado, são vistas como signos de maturidade dos frutos. Isso acontece também ao falar-se das crianças, que teriam seus cabelos *pyrraí* (cor de fogo) por causa do pouco alimento e, com o passar dos anos e aumento da alimentação, teriam aumentado o vigor dos cabelos, que ganhariam uma tonalidade mais escura (*mélas*). Podemos então acreditar, de acordo com a citada obra, que as cores mais escuras sugerem densidade, maturidade e vigor (associados particularmente à alimentação). Concluímos que, para um grego, boi cor de vinho seria provavelmente um boi bem alimentado, vigoroso, amadurecido.

2.1. Ainda com relação à idéia de escuro na definição dos bois, gostaríamos de notar que o deus supremo na *Ilíada*, modelo de poder, virilidade e plenitude, tem os cabelos escuros; e Poseidon, deus dos domínios marítimos, carrega o epíteto *kyanokhaíta* (de cabeleria escura). A idéia de que cabelos escuros traçam o perfil de homens maduros é também discutida por Gil (Gil, 1984).

4. Ardor e brilho

Um dos epítetos mais usados para o vinho, na *Ilíada*, é o termo *aithops*, adjetivo oriundo de *aitho*: (iluminar, inflamar, brilhar) e *óps*. Os outros epítetos (os adjetivos *melíphron*, *meliedés*, *eúphron*) associam-se a mel e suavidade. O campo semântico delineado por mel e suavidade pouco se aplica ao contexto em que aparecem os bois na *Ilíada* XIII,703: são bois que aram um terreno maninho e lembram o vigor dos dois Ajantes.

Embora não eliminemos uma possível semelhança entre o aspecto do mel e do suor que escorre, percebemos uma predominância do traço *aithops* evocada, no contexto, pela presença do fogo. A comparação entre animais e fogo não é inédita no poema.

Vamos encontrar na *Ilíada*, três passagens onde animais são qualificados pelo adjetivo *aithops*:

XVI,487 – Como quando um leão assalta uma manada e mata um touro forte e ardente no meio dos bois de andar retorcido.

A passagem de XVI,487/8, refere-se ao momento em que Sarpédon é morto por Pátroclo; somos levados, através de um símile, a vê-lo como um touro abatido por um leão.

II,839 e XII,97 – (consideramos a repetição da fórmula como duas ocorrências da comparação).

Asio Hirtacida, o qual da Arisba trouxe grandes cavalos ardentes, desde o rio Selente.

Esta associação (animais/*aithops*), presente na *Ilíada*, reúne os termos *oinope* e *aithops*. O símile é magnífico e a opção de usar o epíteto para bois é precisa e oportuna:

“assim como, na leiva, dois bois ardorosos, puxam o carro, ajustado com igual ardor, em torno das raízes dos chifres, goteja abundante suor, e um só jugo polido os aparta, quando avançam sulco afora e atingem a extremidade do tempo”. (XIII, 703)

O autor, pelo símile, transporta o ouvinte/leitor das trincheiras gregas para o trabalho no campo. A princípio, ressalta a dualidade invocada, que não fica só no plano semântico, com a idéia dos dois Ajantes e um só objetivo. Ela é manifesta: 1) na descrição do suor nos chifres que, no texto, não aparecem no dual, mas sugerem imediatamente a idéia de dois para cada boi; 2) na oposição criada - dois bois e um jugo; 3) também nas desinências de dual para *boé óinope*, *sphi* (pronomes reflexivos de 3ª pessoa); 4) *amphís* (adv. em ambos os lados); 5) no particípio, *échonte* e no verbo *titaíneton*.

Outro aspecto que julgamos relevante para nosso estudo e que justifica nossas idéias é o fato de termos, pelo símile, uma unidade estabelecida entre o campo de batalha e o campo de trabalho. São aí permitidos os termos *thymós* (alma, ardor), *idrós hoti anakekéi* (suor que goteja). Os agentes, neste campo de batalha/trabalho, são qualificados pelo adjetivo *óinope*. Como vimos anteriormente, *óinope/a/i* é um termo que, por ser gerado a partir de *óinos*, pode, pelo uso de Homero, ligar-se a quatro adjetivos qualificadores de vinho: *aíthops*, *meliedés*, *melíphron*, *eúphron*. Destes quatro, os termos *meliedés*, *melíphron* e *eúphron* são os que evocam contextos de suavidade, distantes do ardor de uma batalha. Pensar em *aíthops* associado a vinho e como atributo de bois parece-nos um caminho razoável. A idéia de calor/vigor/brilho, forte dentro do símile, ganha evidência quando ligamos *óinope* e *aíthops*. No trecho citado, alguns versos adiante, Heitor é comparado a uma chama (*phlogi elkelon*, XIII,688) e os combatentes são como o fogo ardoroso (*pyrós aithoménoio*, XIII,673). Tais elementos, anteriormente vistos como imagens isoladas, começam a fazer parte de uma harmonia em imagens. Fica assim estabelecido um campo semântico gerado por *óinope/aíthops*.

Nossa hipótese ganha força se a ela acrescentamos as idéias de Howell (Howell, 1956)² que associa os dados *boé óinope*, *aíthopa óinon* e *óinopa pónton*, sugerindo o brilho como traço comum. Portanto, o pêlo dos bois molhados de suor e iluminados pelo sol é brilhante; igualmente brilhante é o vinho depositado numa taça de metal (de ouro como a de Nestor) ou de barro; e, por fim, também o é, pela incidência dos raios solares, o mar. Mas, a esta idéia de brilho, devemos acrescentar os traços “vigor”, “ardor” e “maturidade”.

Podemos ainda fazer um desvio, e por ele chegarmos até o verso 32 no canto XIII da *Odisséia*. Nele Ulisses olha para o sol poente, ansioso pela volta, como lavradores que cansados do trabalho com os *boé óinope*, anseiam pelo retorno ao lar. Mantém-se no símile as idéias de ardor, vigor, brilho/suor, disposição (alegria), trabalho e situações limítrofes, ou seja, a última refeição, o pôr-do-sol, a volta, o cansaço extremo pelo trabalho (como o transpor de uma trincheira, situação de ocorrência na *Ilíada*).

Forma-se um campo semântico semelhante ao de XIII,703. Os termos que criam tal semelhança são: *eélión* (sol); *pamphanónta* (totalmente brilhante); *epeigómenos* (estar ávido para acontecer algo, ansioso); *menéaine* (desejar com ardor); *dórpoio* (última refeição); *lilaletai* (ansiar); *panêmara* (todo o dia); *pháos eelíoio* (luz do sol); *blátetai de te góinat'* (falsear de joelhos); *aspasíós*, *aspatón* (alegremente, com alegria).

Se existem pontos comuns, é necessário ressaltar que, no símile dos Ajantes, quer se acentuar a concertação de movimentos (como se eles andassem sempre atrelados ao mesmo jugo, que não deixam por maior que seja o esforço); no de Ulisses, o que há de comum é a ânsia pela chegada da libertação de uma situação de fadiga, para atingir o repouso e o bem-estar.

2. A idéia básica de brilho para a fórmula *aíthops óinos* não nos parece impecável, já que o *óinos*, nestes contextos, está também sendo vertido, e não apenas de forma estática, em uma taça.

Com tantas evocações, acredito empobrecermos muito o epíteto quando admitimos, para ele, apenas uma sugestão de cor semelhante ao vinho. *Bóe ólnope*, no nosso entender, são, sem dúvida alguma, bois cheios de brilho, de vigor e de força e, provavelmente escuros, o que, dentro da tradição cultural grega, significa maduros e fortes.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES, *Aristotle, Minor Works with an English translation*. London: Loeb Classical Library, 1955.

HOMERO. **The Iliad of Homer**. London: Macmillan Education Limited, 1984.

———. *Odyssey*. London: Macmillan Education Press, 1987, 1988.

Odisséia. Trad. Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix.

HOWELL, E.B. The meaning of ólnope. *Greece & Rome*, v.24 p.86 sgg, 1956.

Gil, L. A vida cotidiana. In ADRADOS, F. R., R. Fernandez - Galino, Vega, L. *Introducción a Homero*. Barcelona: Labor/Punto Omega, 1984.

Abstract: The aim of this paper is to reflect on the meaning of the word "ólnope" in *Ilias* XIII, 703. I propose a new meaning to it by reorganizing the relationship between *oínos*, *pónton* and *boús* in Homer.